

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 17 DE DEZEMBRO DE 1876.

NUMERO 10

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

15 DE



DEZEMBRO

*Datas historicas principaes do rei restaurador
D. João IV, oitavo duque de Bragança.*

Nascimento—19 de Março de 1604, em Villa-Viçosa.

Casamento—12 de Janeiro de 1633, com D. Luiza Francisca de Gusmão, filha dos duques de Medina-Sidonia em Hispanha.

Acclamação—1 de Dezembro de 1640 em Lisboa, n'um sabbado, na volta das 9 horas da manhan.

Sahida de Villa-Viçosa para Lisboa—3 de Dezembro de 1640.

Entrada em Lisboa—6 de Dezembro de 1640, no meio do maior enthusiasmo do clero, nobreza e povo.

Coroação solemne—15 de Dezembro de 1640.

Reunião de côrtes—28 de Janeiro de 1641, em authenticação e reconhecimento dos direitos á coroa.

Justiçamento dos conspiradores contra a vida do rei—29 d'Agostó de 1641, em cadafalso publico em Lisboa, na praça do Rocio.

Firmação da coroa com o vencimento da batalha de Montijo—26 de Maio de 1644.

Juramento solemne da Conceição Immaculada da Virgem—25 de Março de 1646.

Fallecimento—6 de Novembro de 1656, n'uma segunda feira, com 52 annos 7 meses e 18 dias d'idade, e 16 annos menos 24 dias de reinado.

COROAÇÃO DO REI D. JOÃO IV.

*«E com tal rei, qualquer dos lusitanos
«Já não teme o poder dos castelhanos.*

Correa de Mello, Joanneida, C. X. E. 27.

Acclamado em Lisboa D. João IV. em 1 de Dezembro de 1640, como rei legitimo de Portugal; teve logar a cerimonia da sua coroação, no meio do maior enthusiasmo popular, no dia 15 do mesmo mez.

Na tarde do dia 3, tinha sahido de Villa-Viçosa o rei, dirigindo-se á capital, como se por ventura partisse para a sua Tápada, sem outro acompanhamento que o seu usual.

Aos 6 do mez, embarcou-se em Aldeia-Galleja, acompanhado do marquez de Ferreira, conde de Vimioso, e Jorge de Mello, alem d'outros companheiros illustres de viagem.

Estes dois ultimos fidalgos, apenas tivera logar a acclamação em Lisboa, tinham d'alli partido para Villa-Viçosa, a expor ao monarcha a nova da sua eleição:—empreza tanto mais gloriosa, quanto se levára a cabo sem exercito e sem guerra, estando as praças do reino presidiadas de castelhanos!

Chegado a Lisboa, desembarcou D. João IV. na ponte da India, onde recebeu acclamações fervorosas, e saudações cordiaes, de quantos o esperavam cheios de nobre enthusiasmo.

Contava-se que fosse no dia 8, consagrado solememente á Virgem da Conceição, a entrada triumphal do rei no Tejo.

Mal no entanto aportou na capital, ás 9 horas da manhan do dia 6, espalhou-se

logo a noticia em toda a cidade:—e foi tanta a affluencia de povo ao sitio do desemque, e ás ruas da vizinhança, que não havia romper com elle entre jubilos e regosijos.

Clero, nobreza, e povo — todos sem excepção — acclamavam o rei como dom do Altissimo, curvando-se a seus pés e beijando-lhe a mão, e enchendo de vivas os ares com excesso d'alegria.

Quando D. João IV entrou no forte de Lisboa, disparou o castello 3 descargas, repetindo-as tambem á noite.

A cidade illuminou-se toda com profusão, a ponto de parecer que a noite se mudára em dia, tornando assim mais festivos os regosijos publicos.

Todos estes applausos fervorosos, nascidos do entranhado amor dos portuguezes aos seus monarchas, serviram de preludio auspicioso á solemnidade da coroação — acto magestoso de reacclamação official.

Teve logar esta cerimonia apparatusa, n'um magestoso palanque d'ocasião, levantado juncto á varanda inferior do palacio real da Ribeira.

Havia n'este palanque um estrado de 4 degraus, com outro de mais 2 em cima, cobertos ambos d'alcatifas riquissimas.

O corpo do palanque, amplo como convinha ao acto, estava ornado de pannos de tella e veludo carmesim.

No mais elevado dos degraus, realçava debaixo d'um docel esplendido, bordado d'ouro e praia, uma cadeira apparatusa. — Estava toda coberta d'um rico panno de brocado.

Na occasião opportuna, desceu dos aposentos superiores o rei, vestido de risso pardo bordado d'ouro, com abotoadura de pedraria.

Pendia-lhe sobre o peito um collar de grande valor, com o habito da Ordem de Christo n'uma orla de diamantes. — A espada que cingia, era toda dourada.

Cobria-lhe o corpo uma oppa de brocado roçagante, forrada de tela branca lavrada de ramos d'ouro, em harmonia com as mangas da veste que trajava.

Adiante de D. João IV, caminhava D. Francisco de Mello, marquez de Ferreira, com o estoque desembainhado, fazendo o officio de condestavel. — A cauda da oppa, levava-a o camareiro-mór João Rodrigues de Sá.

Fernan Telles de Menezes, que servia d'alferes-mór, levava o estandarte real enrolado.

Seguia-se-lhe em ordem D. Manrique

da Silva, marquez de Gouvea e mordomo-mór, com as insignias do seu officio: — e seguiam-se com elle os prelados, titulares, ministros, e fidalgos da côrte.

Chegado o rei ao estrado superior, descobriu-lhe a cadeira o reposteiro-mór Bernardim de Távora, enchendo-se de jubilo os assistentes.

Assentou-se então D. João IV, e recebeu da mão do camareiro-mór o sceptro. — Fez depois uma allocução appropriada, e no fim d'ella o juramento do estylo.

Repetiram os cortesãos os seus juramentos tambem; e no fim d'elles, desenrolou o alferes-mór o estandarte do reino, repetindo 3 vezes — em 3 logares — estas palavras em altas vozes: — *Real, Real, Real, pelo muito alto e muito poderoso rei D. João IV, nosso senhor.*

O povo recebeu estas palavras com vivas entusiastas, rebentando dos olhos de muitos não poucas lagrimas d'alegria, ao vèrem radicada com felizes auspicios a liberdade, e a independencia da nação.

Findas estas ceremonias, desceu o rei ao terreiro do Paço, onde montou a cavallo, dando-lhe o estribo esquerdo o estribeiro-mór Luiz de Miranda. — Levava a redea D. Pedro Fernandes de Castro, fazendo o officio d'alcaide-mór de Lisboa.

Chegado o préstito á entrada da praça do Pelourinho-velho, teve logar outra allocução appropriada: — e no fim d'ella engou ao rei as chaves da cidade ao presidente da camara, que era o conde de Cantanhede D. Pedro de Menezes.

Recebidas do rei estas chaves, tornou-as o monarcha a entregar ao presidente do senado municipal, na fórma do estylo d'estas solemnidades.

Dirigiu-se então o préstito para a sé cathedral, onde se renderam graças ao Altissimo com pomposo apparatuso, pela libertação do reino, oppresso até então com a tyrannia dos Philippes.

Esperava no templo a D. João IV o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, então prelado lisbonense, e que fôra archidiocesano bracarense entre 1627 e 1635, depois de ter sido prelado das dioceses de Portalegre e do Porto.

Findas as orações do estylo, regressou D. João IV ao palacio da Ribeira, fazendo-o na mesma ordem e disposição, com que o préstito se tinha dirigido á sé cathedral.

Depois, deu o povo largas á expansão do patriotismo, victoriando freneticamente

o rei e o reino, e decantando a liberdade e a independencia da nação.

Lisboa, rainha graciosa do Tejo, mostrou-se digna de si e do novo rei, engrinaldando-se e illuminando-se com magestade sem igual — em tudo e em toda a parte.

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

PATRIA

Quem a não ama? Quem não traz no intimo
Seu grato nome a perfumar-lhe a vida?
Quem se não sente estremecer de jubilo.
Se entre as primeiras a contempla erguida?

Quem a não rega com sentidas lagrimas,
Se a vê nos braços da oppressão gemer?
Qual de seus filhos, quando a vê na angustia
Não vai por ella com valor morrer?

Ai! que soluços, se um destino lugubre
D'ella bem longe nos impelle e arrasta!
Com que anciedade nossa vista sofrega
N'ella se fita quanto mais se affasta!

N'ella passámos essa quadra flórida
Em que da vida nos sorri o alvor;
Foi n'ella ainda que soltámos tímidos
As brandas notas do primeiro amor.

No seio d'ella se erigiu o tumulo
Dos que nos foram protecção e abrigo:
Urna que encerra maternas reliquias
Ou cobre as cinzas d'um irmão, do amigo;
E o vento esfolha os roseirae da infancia,
Breve se extingue á mocidade o ardor;
Fenece a esp'rança mal lhe toca a duvida,
Toda a alegria se transforma em dor;

Só este affecto que nos liga á patria
Viceja em prantos; se avigora em dores;
Zomba dos annos, desconhece a ausencia,
E em pleno inverno se desata em flores!

Depois, que orgulho ao folhear-lhe a historia,
Que heroicos feitos, que proezas mil!
Vel-a arrogante avassallando a India,
Ver-lhe a bandeira, a fluctuar gentil;

Mirar-se ufana sobre o azul lindissimo
Do mar, que se ergue com furor e espanto
Ao ver o arrojo, a sobrehumana audacia
Com que o heroismo lhe percorre o manto!

Vel-a incessante desdobrar prodigios,
E em novos mundos implantar a cruz;
Ceifar triumphos, envolver-se em glorias,
No proprio oriente derramar a luz;

Colhendo louros nas conquistas d'Africa
Rever-se altiva no esplendor das Quinas;
Formosa e rica, semear de perolas
Os aureos copos das espadas finas;

Mimosa sempre do sorrir do genio,
Co'as pompas d'arte a devassar o céu;
Tendo Camões para a cantar altisono,
De monumentos deslumbrante véu...

Oh! patria, patria que passado esplendido!
Mas, do futuro divisando a aurora,
Se ao ver qual foste me sentira extatica,
Porque hei de, ó patria, entristecer agora?

E's grande ainda! Tens na fronte limpida
A regia c'roa d'immortal valor;
E, se despiste a roçagante purpura,
Vestest roupagens de nevada côr.

E's mais formosa! No alvor da tunica
Não podem manchas esconder-se a furto;
Nem vês em torno perpassar phantasticos
Vultos que choram seu viver tão curto.

Não vais ao longe procurar victorias;
Não vais com frotas percorrer o mar;
Não tens enorme e temeroso exercito;
Não vais co'a força os infieis domar;

Mas no remanso d'esta paz benefica
Mora o trabalho, desabrocha o estudo;
E de teus filhos no fulgente espirito
Tens de teu nome e liberdade o escudo.

Se um dia—ó patria—te disserem aulicos
Que d'hoje os filhos já heroes não são;
Que não iriam combater impavidos
Se extranho arrojo te lançasse a mão;

Sorri-te d'esses agoureiros pallidos
Que amam a noite por temer o dia!
Como os guerreiros dos passados seculos,
Tambem a nova geração iria

Mostrar que o povo portuguez, intrepido,
Tem sangue heroico a circular em si;
Que déra a vida por salvar-te, ó patria,
Feliz e alegre de morrer por ti!

Coimbra.

AMELLA JANNY.

CONSPIRADORES PORTUGUEZES EM 1640

Foram os restauradores de Portugal em
1 de Dezembro de 1640, «com pasmo e sur-
preza do mundo», apenas quarenta dos fi-
dalgos portuguezes d'antes quebrar que tor-
cer.

Cabe-lhes a valer esta qualificação ju-

diciosa do nosso poeta seiscentista—Sá de Miranda.

Na conta dos animadores incansáveis d'esta empreza patriótica, numera-se entre os principaes a João Pinto Ribeiro, e depois d'elle ao arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que primeiro o tinha sido de Braga, depois de ter governado as dioceses de Portalegre e do Porto.

Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, e Estevão da Cunha, com os patriotas que os seguiam, avançaram contra o paço, e detiveram os tentâmens dos soldados da guarda.

D. Miguel d'Almeida subiu á sala da guarda alleman, conhecida com o nome de tudescos, e disparou uma pistola para signal.

O porteiro-mór Luiz de Mello, com João de Saldanha de Sousa, assenhorearam-se do logar onde estavam as alabardas. —D. Afonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio d'Azevedo, lançaram a todas por terra, e impediram que os tudescos as houvessem ás mãos.

Pedro de Mendonça, com Thomé de Sousa, ganharam arrojados a porta que dava para o aposento do secretario d'estado, o portuguez degenerado Miguel de Vasconcellos.

Luiz Godinho Benavente, familiar do duque de Bragança, acompanhado d'alguns patriotas entusiastas, assenhorearam-se da porta que dava para o aposento da duquesa de Mantua, governadora então do reino em nome de D. Philippe III.

D. Miguel d'Almeida, com a espada em punho, bradava por toda a parte aos insurgidos: —*Liberdade, Portuguezes! Viva el-rei D. João IV!*

D. Antonio Tello; Ayres de Saldanha; D. João de Sá de Menezes; Antonio Telles, com seu irmão conde d'Atouguia; D. Francisco Coutinho; D. Alvaro d'Abranches; D. Antonio Alvares da Cunha; João de Saldanha de Sousa; D. Gastão Coutinho; Bartholomeu de Saldanha; Tristão da Cunha d'Ataide, com seus filhos Luiz e Nuno, e com seu genro Childe Rolim; Sancho Dias de Saldanha; João de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio e Bartholomeu —depois de morto o corregedor do civel, encontrado por elles no accommetimento—deram a morte ao odiado secretario d'estado, e o lançaram ao povo no Terreiro do Paço, precipitando com elle ao mesmo tempo um official hispanhol ferido.

D. Miguel d'Almeida; Thomé de Sou-

sa; Pedro de Mendonça; D. Antonio Luiz de Menezes; D. Rodrigo de Menezes; seu irmão D. Carlos de Noronha; Fernão Telles de Menezes; D. João da Costa; D. Antão d'Almada; seu filho D. Luiz; Antonio de Saldanha; D. Antonio da Costa; D. Antonio d'Alcáçova; João Rodrigues de Sá; Martim Affonso de Mello; Francisco de Mello; Luiz de Mello; Manuel de Mello; seu filho Tristão de Mendonça; Luiz de Mendonça; D. Francisco de Sousa; D. Thomaz de Noronha; D. Francisco de Noronha; D. Antonio Mascarenhas; D. Fernando Telles de Faro; Rodrigo de Figueiredo; seu irmão Luiz Gomes; Francisco de Sampaio; Gomes Freire d'Andrade; e Gil Vaz Lobo; entraram no aposento da duquesa de Mantua, e a reclusaram no seu Oratorio.

Fizeram-lhe assignar depois uma ordem, para o governador do castello o entregar a elles, como teve effectivamente logar. —Deixaram-lhe de guarda a D. Antão de Almada com alguns patriotas; e sahiram em brados entusiastas para o Terreiro do Paço, gritando ao povo: —*Liberdade, Portuguezes! — Viva el-rei D. João IV!*

O presidente do senado da camara D. Pedro de Menezes, conde de Cantanhede, mandou abrir a porta do mesmo senado, a persuasões insinuantes de seus filhos: e permittiu que D. Alvaro d'Abranches empunhasse o estandarte da cidade, para com elle, e os patriotas que o seguiam, percorrerem as praças e as ruas, e acclamarem a independencia da nação.

Entre os patriotas incansáveis, que n'estes lances d'heroicidade galvanisaram a população lisbonense, memora-se entre os principaes ao Padre Nicolau da Maia d'Azevedo, beneficiado na igreja parochial de S. Mamede.

Foi elle o cruciferario entusiasta, que na procissão solemne em 1 de Dezembro de 1640, «pouco depois de começada a restauração da patria», conduziu pelas praças e ruas da capital a Imagem de Christo, de que se conta como assombro o despregamento d'um braço, em signal d'approvação divina.

Hia n'esta procissão de graças, que sahiria da sé com pompa, o arcebispo D. Rodrigo Cunha, com o fim de tomar posse do govêrno em nome do rei acclamado —D. João IV o Restaurador.

Vizella.

A. PEREIRA DA S. CALDAS

SUCCESSOS DA RESTAURAÇÃO

O monarcha, recentemente aclamado, não fôu a consolidação do seu throno, e da independencia nacional, tam somente dos apparelhos bellicos: empregou tambem os recursos da politica. Mandou embaixadores a França, Inglaterra, Suecia, e Hollanda.

Em 1643, começaram abertas hostilidades entre Portugal e Castella. Dos muitos feitos d'armas que então houve, entre portuguezes e hispanhoes, o mais celebre foi a batalha de Montijo, em que Mathias de Albuquerque e D. João da Costa desbararam as forças castelhanas, commandadas pelo barão de Moldingen, general da Extremadura hispanhola, que no principio da peleja levára a melhor, tomando a artilheria ás tropas portuguezas.

Rompêra de novo a guerra entre Portugal e a Hollanda, terminadas as treguas que se haviam estipulado.

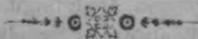
Na Africa, e mais ainda no Brazil, obtivemos grandes vantagens. Francisco Barreto de Menezes, João Fernandes Vieira, André Vidigal, e Henrique Camarão, cobriram-se de gloria na capitania de Pernambuco, onde os portuguezes ganharam as duas memoraveis victorias dos Gararapes. Salvador Correa de Sá expulsou os hollandezes d'Angola e Cabo-Verde.

D. João IV, não só tomou as mais acertadas providencias para a defeza do reino, e para a recuperação d'alguns de seus dominios ultramarinos, de que os hollandezes se haviam apoderado durante o intruso govêrno castelhano; mas tambem attentou pela boa administração interior, com zêlo activo e illustrado. Revalidou as *Ordenações* publicadas por D. Filippe II. Erigiu novos tribunaes, taes como o conselho de guerra, a juncta dos tres estados, e o conselho ultramarino.

Animado de sincera e fervorosa piedade, tomou nas côrtes de Lisboa de 1646 por padroeira do reino a Virgem Santissima da Conceição, de cujo mysterio foi summamente devoto.

Lisboa.

CONSELHEIRO A. J. VIALE



Em Alcacer-Quivir, infausta estrella
As Quinas supplantou;

E esse joven Monarcha, inexperiente,
A c'roa allí deixou.

Orpham de rei, a Patria desolada,
Cedeu á vil traição;

E sobre o throno que se ergueu no Ourique,
Sentou-se a usurpação.

Por doze lustros, Portugal, opprésso,
Soffreu imigos fados;

Seus fieis Nobres, seus leaes guerreiros
P'ra longe eram mandados.

Ia o seu ouro sustentar o luxo
D'uma côrte estrangeira;

De nossas terras d'alem mar, a Hollanda
Baniu nossa bandeira.

Um vil, um portuguez degenerado
Nosso mal agravava,

Vendido d'alma e corpo aos oppressores,
Ria da Patria escrava.

Mas alim o Deus d'Ourique,
Protector de Portugal,

Faz soár para Castella

A hora extrema, fatal:

Surge o brio portuguez,

E o feroz Leonez,

O orgulhoso Castelhanao,

Veem triumphar ufano

Nosso Pendão nacional.

A affronta de ser vencida

Quer vingar a altiva Hespanha,

Mas o leal portuguez

Da victoria os louros ganha:

As Quinas te'ali cahidas,

De novo folgam erguidas;

E os tyrannos oppressores,

Vêem baldos seus favores,

As esperanças perdidas.

Se esquecendo antigas eras

Inda tentar desleal,

Fêro leão de Castella,

O solo de Portugal

Agredir com mão armada;

Mostremos-lhe a invicta espada,

Que lhe talhou a derrota

De Val Verde e Aljubarrota,

Do Montijo e Ameixial.

Embora iniquos traidores,

Corrompidos portuguezes,

Trabalhem por ver a Patria

Soffrer d'escrava os revezes:

Contra o vil, que inda intentar,

Nossa Patria atraigoar,

Contra infames Vasconcellos,

Teremos Cunhas e Mellos,

Almeidas, Sas e Menezes.

Urdam embora nas trevas
 Seus projectos de traição;
 Cubram c'o nome de—Iberia—
 O pomo da seducção.
 Conhecemos seus enganos
 Na lição dos —sessenta annos—
 E ás palavras d'amisade,
 Com que se encobre a—maldade—
 Digamos-lhes firmes—Não—

Salvè! Dia 1.º de Dezembro;
 Para Lysia feliz, fatal á Hespanha!
 Vencedoras as Quinas se arvoraram
 Dos seus tyranos abatendo a sanha.

Real, Real, Real, por João 4.º!
 Grita o povo já livre da Oppressão;
 Empallidece e fuge imigo bando,
 Para novós traidores fatal lição.

Salvè! Dia 1.º de Dezembro!
 Tu serás immortal na lusa Historia!
 Para a Hespanha labeu, vergonha,
 opprobrio,
 E para Portugal tropheu de gloria.

Braga. CORREA JUNIOR.

A historia do nosso paiz é uma epopéa grandiosa; e tem paginas tam brilhantes, tam eloquentes, que seria um tremendo crime o esquecel-as. E quem olvidará o culto das tradições e o heroismo dos nossos maiores, que para engrandecerem a patria apoucavam a vida?

O pendão das Quinas fluctuou em todos os mares, tremulou ovante em todas as muralhas, e foi plantado pelo braço gigante do amor da patria nas mais longinquoas paragens.

A bandeira portugueza viu reunidos em torno de si milhares de povos; e todos adoravam a briosa prole do valeroso Affonso, como os povos hellenicos os seus heroes, dos quaes faziam deuses.

Portugal sahio sempre triumphante de milhares de apertadas refregas; e viu cahir a seus pés exercitos e mais exercitos, castellos e mais castellos, potentados e nações, sem vacillar no meio d'esses terribes cataclismos, sem se desviar um só palmo do terreno que tam heroicamente ia conquistado: affrontava a sanha dos inimigos, como a arvore secular a furia das tempestades!

Os Portuguezes zombaram da impetuosidade dos mares e de todas as forças da

natureza, para correr aonde os chamava a patria; obstaculos que lhe fizessem rosto, eram immediatamente vencidos, ainda que soubessem que para os destruir era necessario todo o seu sangue e todo sangue da sua prole: «Por uma só pedra d'aquella fortaleza arriscaria um filho»!

E se os nossos heroes succumbiam no ardor da peleja, tinham por lençol a bandeira que defendiam, por unicos funeraes o tinir de ferro contra ferro, e por tochas mortuarias o relampaguear do sol no bruido das lanças! O seu ultimo suspiro era consagrado á patria; e mordiam a terra de raivosos, se a cobardia dos inimigos lhes ia, nos paroxismos, cuspir affrontas; e muitas vezes quando os julgavam mortos para o combate, encontravam-nos ainda acordados para a gloria, e antes de morrer deixavam selladas com o seu ultimo sangue epopéas de heroismo!

Portugal dictou leis a todos os povos; e quando desfraldava a sua heroica bandeira, cahiram das suas dobras flores de liberdade! Mas um dia, cansado das suas innumeradas victorias e esquecido das gloriosas tradições, adormeceu sobre os louros, e deixou-se algemar por aquelles que havia humilhado em mais de mil combates.

Longos foram os dias de suas provações, verteu lagrimas ardentes sob o jugo de Castella, e pedia ao ceo em repetidos brados a aurora do seu resgate; mas o pranto que derramou oxidou-lhe as algemas, e n'um supremo esforço arrojou-as para longe!

A aurora de 1640 foi esplendida; foi o despertar d'um povo que havia sonhado sessenta annos com a liberdade!

Agora, ao relembrarmos o dia da nossa independencia, exclamamos como Miguel d'Almeida, como esse velho que sentia n'alma juvenis ardores, como esse heroe que á beira da campa ainda bradava com todo o vigor d'um coração varonil—Liberdade! Liberdade!

Porto.

SOUSA MOREIRA.

Um anno mais passou. Hoje fulgura a historia mostrando-nos d'outra ora as fervidas, tamanhas, pelejas d'uns heroes, que n'um ditoso dia e nos echos de—victoria, febris anquillara' o grito das Hispanhas, sorrindo a eternos soés!

Um anno mais passou. Expandem-se harmonias,
e um como deslizar de sensações eternas
que a lyra nos traduz!
Que harpejos divinaes, que immensas alegrias,
hosannas inspirando ás gerações hodiernas
—crhysoes d'ingente luz!

Ainda vejo... alem... nas brumas do passado
uns vultos immortaes, quebrando as gargalheiras
d'atroz escravidão;
e á voz de —liberdade, exangue, aniquilado,
o pó mordendo, ao ver as Quinas altaneiras
o hispanico Leão!

Cahira agonisante a pallida Castella
Ao tremulo clangôr das tubas lusitanas,
á voz dos Prometheos!
Raiava a luz enfim, apoz longa procella!
A aurora afugentára as hydras deshumanas,
sedentas de tropheos!...

Raiara a luz enfim! Saudae Pinto Ribeiro
que o solio de Filippe envolve na mortalha
das cousas torpes, vãs;
e ás turbas vae bradando, intrepido, ligeiro:
«é livre Portugal! c'os louros da batalha
honrae-lhe as densas canç.»

Porisso hoje fulgura a lusitana historia
mostrando ás gerações as fêrvidas, tamanhas,
pelejas d'uns heroes,
que n'um famoso dia e aos echos de —victoria,
febris anniquilara o grito das Hispanhas,
sorrindo a eternos soes!

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

Houve tempo, em que mil heroes ousados
Da ennobrecida Patria de Camões,
Foram, alem do Cabo das Tormentas,
Seu nome impor a maurus regiões.

Em feitos sempre nobres, valorosos,
Tropheos colheo o bravo Portugal,
Alli, aonde Phebo nasce lúcido,
E desde o polo ártico ao austral.

Mas um dia fatal, a heroica Lysia,
Cae em ferros, nas presas do Leão,
E sessenta annos soffre avassalada
O tyrannico jugo da oppressão!

Uma aurora raiou porem mais fulgida
Mais ditosa p'ra os Lusos tão vexados,
Que um esforço empregando sobrehumano
Mostram brio e valôr já não prostrados.

Já brilha desfraldado nas alcáçovas,
Das Quinas Portuguezas o Pendão!
E se ouvem da victoria os sons ovantes
Dos libertos das garras do Leão!

«Livres!. Livres!. gritavam esses bravos!
«Portugal, povo forte e valoroso,
«Não supporta grilhões—não quer ludibrios,
«E' livre... quer ser livre e venturoso!

Guimarães,

MARIANO ROCHA

Meu Portugal! Quem se não sente pos-
suido do mais legitimo orgulho, ao reme-
morar os teus feitos gigantes, ao ler uma
so página da tua historia fulgentissima, ao
declinar o nome dos teus filhos, que se
immortalisaram, immortalisando-te!

Minha Patria! Quem não se desvanesce
por ser teu filho! Por ter nascido n'este
tracto feracissimo onde accordaram á
luz um Egas Moniz, um João das Regras,
um D. Nuno Alvares Pereira, um D. João
de Castro, um Vasco da Gama, um Camões,
um Affonso d'Albuquerque, um Mascarenhas,
um Martim de Freitas, e tan-
tos e tantissimos heroes, cada um dos
quaes foi um semi-deus, cada um dos quaes
foi um assombro!

Quem ha 'hi que se não orgulhe de ter
soltado os primeiros vagidos no seio do
gigante que avassalou todo o Indo; que foi
impor o seu nome e a sua crença a Malaca
e a Ceilão, a Cochim e a Dabul, a Goa, e
a Calecut, a Damão, e a Divar?

Meu Portugal! salvè!

Agora que evoquei á imaginação uma
restea do brilhantismo da tua idade aurea,
consente-me, que eu volva ainda mais al-
gumas laudas da tua historia, onde terás
em cada linha um cantic, em cada can-
tico uma epopeia.

Mas que significa isto que estou agora
contemplando?! Que diz este pavilhão ar-
reado, esta coroa partida, esta armadura
abandonada, este livro fechado?!

E este pavilhão tem impressas as Qui-
nas! esta coroa é a que te aureolava a
frente! esta armadura a que cingias! este
livro a tua historia!

O' patria da heroicidade! Como po-
des soffrer, impassivel, estas humilhações!!
O sol que brilha no teu firmamento, já não
tem para ti um raio de luz, que te desen-
torpeça os membros contrahidos pela frialdade da escravidão que te avassala!

A lamina da tua lança afiou-se ao escre-
ver o teu nome nos aduareos inhospitos: o
ecco do teu nome retumbou de polo a polo,
mais forte que o trovão que róla no seio dos
bulcões escurentos, mais assombroso do

que o fragor do abysmo picado pela borrasca, mais gelador do que as convulsões do globo.

E que fazes, pois, n'essa postura humilhante, curvado ao jugo d'um despota infame, tu, minha patria, tu, o açoite dos despotas?!...

Recorda-te do teu passado sem emulo, ó gigante do Occidente!..

Silencio! Oigo um rumor! de vozes, imponente e doce; vejo uns clarões deslumbrantes...

Escutemos.

—Portugal despedaçou a gargalheira da oppressão! Viva Portugal independente e livre!—Portuguezes! estes clarões que vos dão na frente, são as irradiações do sol da nossa liberdade!

Gloria a Deus!

Braga.

DIAS FREITAS.

O hynverno já desdobrava,
Seu manto de negra côr;
E a quadra bem se casava
D'um povo inteiro ao torpôr;
D'um povo que foi gigante,
Que foi guerreiro possante
Que á voz de «Chisto e ávante»
Foi do Crescente o terrôr.

Mas esse povo jazia
Nos ferros da escravidão.
Vinha apoz um outro dia
E sempre o negro baldão:
Os prantos tinham seccado
N'esse povo agrilhado,
Mas lá no peito abafado
Fumava occulto vulcão.

Eis nasce um dia e o desfôrço
D'esse dia co'a luz, vem.
Por um sobrehumano esforço
Lysia a frente erguida tem;
E o seu grito de guerra
Repercutiu-se na serra
E os echos de terra em terra
Troaram, guerra, tambem.

Do guerreiro brado ao effeito
O rei no throno tremeu,
E viu então com despeito
Que Portugal não morreu.

Foi-se-lhe a crença doirada
Que a nação espesinhada
E ra um cadaver, mais nada,
Que a vida e força perdeu.

O luso, o collo abatido
Levanta com altivez,
E á lucta voa, atrevido,
Com não vista intrepidez.
Não veste bordada farda,
Mas lança mão da espingarda,
Empunha a rija alabarda
E cobre ao peito um arnez.

Ao rangêr das gramalheiras
Ao estalar dos grilhões.
Fluctuam lusas bandeiras
No tope dos bastiões.
Onde a peleja mais arde
Ninguem fraqueja, cobarde
E d'esse dia na tarde
Arreia a Hespanha os pendões.

A Europa viu assombrada
Tão sublimado valôr;
Julgava a Lysia esmagada,
Inerte, já sem vigôr.
Esta esplendida victoria
Com aureas lettras a historia
Registou para memoria
D'entrnhado patrio amôr

Nós somos, a mocidade
Filhos do mesmo torrão;
Seja pois a liberddada
O nosso augusto brasão.
Por este lemma sagrado
Seja o sangue derramado
Quando em dia de mau fado
Carecer d'elle a nação.

M. MANSO.

DUAS PALAVRAS.

O presente n.º da *Borboleta* deve considerar-se como complementar do correspondente ao dia 1 de dezembro, como então declarâmos.

Para dar cabimento aos escriptos commemorativos d'aquella gloriosa data, tivemos de retirar a materia, ja composta, destinado ao n.º 10; porisso pedimos desculpa aos nossos illustres collaboradores, cujos escriptos serão publicados no proximo n.º. e seguintes.